



INSTITUTO SUPERIOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Licenciatura em Relações Internacionais e Diplomacia

Cadeira: Teoria de Relações Internacionais

2º Ano- Laboral

Tema: Escola Inglesa

Discentes: Ancha Mazivila

Argelino Nhalucue

Deyse Maganja

Eunice Paulina

Isabel Abramo

Januário Oficial

José Vieira

Juraci Langa

Martinho Muchanga

Docentes: MA. Aly Jamal

Maputo, Outubro de 2016

Índice

[Introdução](#)

[Escola Inglesa](#)

[Contexto surgimento da Escola Inglesa](#)

[Precusores e influências intelectuais](#)

[Pressupostos da Escola Inglesa](#)

[Aplicabilidade da Escola Inglesa](#)

[Criticas](#)

[Conclusão](#)

[Referências](#)

Introdução

O presente trabalho que tem como tema “A Escola Inglesa”, visa fazer uma análise profunda sobre o tema referido, trazendo abordagens nas quais ilustram a relevância da Escola Inglesa nas relações internacionais. Faz parte do trabalho: o contexto do surgimento da Escola Inglesa, precursores, pressupostos, enquadramento da teoria na realidade actual e as suas críticas.

O objectivo do trabalho é de trazer em linhas gerais de uma visão sistematizada e detalhada sobre a Escola Inglesa em relações internacionais. Pois, sabendo que Ciências Sociais, especialmente em Relações Internacionais, nenhuma generalização de princípios e de hipóteses se impõe com força suficientemente para servir de base em uma Teoria de Relações Internacionais abrangente e universalmente aceite, o que faz com surja a Escola Inglesa como uma Teoria de Relações Internacionais.

Para a efectivação do trabalho, socorremo-nos à pesquisa de obras bibliográficas que serão citadas no fim da abordagem do trabalho.

Escola Inglesa

A tarefa de pesquisa primária da Escola Inglesa tem sido a de traçar a história e desenvolvimento da sociedade internacional e para descobrir sua natureza e funcionamento. A Escola Inglesa é uma interessante mistura de entendimentos realistas de poder e balança de poder e a perspectiva liberal das maneiras do direito internacional, regras, normas e instituições que operam internacionalmente. Em termos de metodologia, enfatiza uma abordagem sociológica histórica e, mais recentemente, entendimentos interpretativos que reflectem profundo cepticismo sobre a abordagem científica e causal para a teorização das relações internacionais (Viotti e Kauppi 2010:242).

Contexto do surgimento da Escola Inglesa

A Escola Inglesa foi fundada nos finais da década de 1950, composta por historiadores, teóricos e praticantes das Relações Internacionais, que imprimiu uma marca distintiva na abordagem da disciplina. Os seus principais fundadores foram Martin Wight e Hedley Bull, que partindo também de uma perspectiva sistémica, distinguiram-se da abordagem americana ao centrarem a sua formulação teórica no conceito de sociedade internacional e ou mundial, em vez do conceito mais tradicional de sistema internacional (Sousa 2005:75).

A Escola Inglesa pode ser entendida, então, como uma síntese tiradas principalmente de ambos realismo clássico e liberalismo (bem como idealismo) sob classificação ou, como alguns preferem colocá-lo, um caminho do meio ou através dos Mídias entre as duas tradições. Assim, perspectivas sobre políticas internacionais associadas com Maquiavel, Hobbes, mas particularmente Grotius e Kant todos influenciaram para o desenvolvimento da Escola Inglesa.

É interessante observar que, embora as origens formais como uma “escola” foram por volta de 1950, o seu obituário como uma abordagem para as relações internacionais foi escrito por alguns no início de 1990. Mas com o fim da Guerra Fria, uma década depois, o eclectismo conceptual matizada da Escola Inglesa parecia bem adequado para uma era de mudanças e da globalização, como Barry Buzan observou em 2001, a Escola Inglesa é uma "fonte de pesquisa subutilizados.

O tempo está maduro para desenvolver e aplicar a sua construtivista historicista e abordagem metodológica pluralista para as Relações Internacionais (Viotti e Kauppi 2010:242).

Precursores e influências intelectuais

Viotti e Kauppi (2010: 244-245) citam como precursores da Escola Inglesa: Hugo Grotius (1583-1645), Immanuel Kant (1724-1804) e Edward Hallett Carr (1892-1982).

- **Grotius**

Hugo Grotius (Huig de Groot, 1583-1645), é o geralmente reconhecido como "Pai" do Direito Internacional e, como tal, ele olhou para além do poder e equilíbrio da política, lê-se no Florentino Nicolau Maquiavel (1469-1527) ou o inglês Thomas Hobbes (1588-1679). As normas ou regras (muitos dos quais a política) são observadas por Estados, porque eles produzem algum grau de ordem ou a segurança que está em seu auto-interesse esclarecido. É esse interesse no seguimento de regras que levou Martin Wight (1913-1972) a adoptar o termo Racionalismo, que seu seguidor Hedley Bull (1932-1985) mais tarde colocada no contexto de uma sociedade ainda anárquica, internacional de Estados. Grotius não ignorou o poder e política de poder entre Estados.

Na verdade, o conflito entre Estados, incluindo o uso da força foram fundamentais para esta discussão sobre o Lei de Guerra e Paz (de jure belli ac pacis). Da mesma forma, o seu tratamento em outros trabalhos de actividades económicas para incluir a liberdade de navegação no alto mar forneceu a base intelectual para o que se tornaria o direito comercial internacional. Não obstante a independência dos Estados soberanos, que era do seu interesse (racional) para seguir as regras que definem os parâmetros das relações internacionais em tempo de paz e até mesmo fornecidos critérios para recorrer a (e condução de) guerra. O resultado, ele esperava, como talvez para tornar o uso da força um pouco menos bárbara do que poderia ser tanto erudito e um homem muito prático vivendo na cidade comercial holandesa de Delft Grotius, voltou sua atenção para estas questões comerciais e assuntos de guerra e paz de governos, empresas comerciais e

empresas de Estados recém-formados no seu dia. Escrever com os horrores da guerra dos Trinta Anos em mente, Grotius ofereceu formulações de direito extraídas de diversas fontes.

- **Kant**

Em contraste com Grotius, com algumas exceções fundadores da Escola de Inglesa claramente não foram tão convencidos pelos escritos do leste Prússia, Immanuel Kant (1724-1804). Martin Wight, por exemplo, não fez segredo de sua caracterização do kantianos como "revolucionários" que tentam substituir princípio moral para as realidades da política. Por sua parte, Edward Hallett Carr (1892-1982) rejeitou qualquer invocação kantiana da moralidade como transformar as relações internacionais de algum modo independentes do poder e interesse. Grande influência de Kant é mais evidente nas preocupações sobre a justiça na sociedade internacional. Isto é particularmente verdadeiro com a geração subsequente de estudiosos da Escola Inglesa de interesse em estabelecer, normas cosmopolitas globais em um internacional ou, mais precisamente a sociedade mundial transformada.

- **Carr**

Apesar de não ser um membro formal do "Comité britânico", que foi criado na década de 1950, Carr (geralmente classificados como um realista clássica) é agora amplamente reconhecido como um precursor intelectual para o surgimento da Escola de Inglesa. Para Carr, O significado interno das modernas crises internacionais com experiência no período entre guerras (1919-1939) era "o colapso de toda a estrutura de utopia baseada no conceito da harmonia de interesses." A política internacional envolve uma contínua tensão entre o poder e juros de um lado, e as considerações morais, por outro. Assim, Carr rejeitado como utópico idealismo puro de se concentrar apenas sobre valores morais e tentando excluir poder e interesse.

Da mesma forma, ele encontrou irrealista qualquer chamado realismo que finge valores de alguma forma pode ser retirada da equação política. A observação de Carr da tensão inerente as relações internacionais entre o interesse e poder, por um lado e as considerações morais, por outro definir o cenário intelectual para o desenvolvimento dentro da Escola de Inglesa para

caminho do meio racionalista. Isso pode ser rastreado até Grotius que cai entre o realismo de um Maquiavel ou Hobbes e o idealismo em Kant.

Pressupostos da Escola Inglesa

Segundo Viotti e Kaupip (1993: 242-244) os pressupostos que estruturam a Escola Inglesa são:

- O primeiro pressuposto subjacente à imagem Escola Inglesa é que o mundo pode ser entendido como uma sociedade internacional ou anárquica em que ambos os Estados e actores não estatais operam. A ênfase é sobre o conceito de "sociedade" na qual os realistas tenderiam a não emparelhar com "anarquia". Uma antologia de artigos publicados em 1968 indica claramente que o quadro de referência desde o princípio foi a “sociedade internacional”. Mais tarde sucintamente afirmado por Adam Watson e Hedley Bull uma sociedade internacional é um grupo de Estados (ou, mais genericamente, um grupo de comunidades políticas independentes) o qual não apenas formam um sistema, no sentido que o comportamento de cada um é um factor necessário nos cálculos dos outros, mas também tem estabelecido pelo diálogo e consente regras comuns e instruções comuns para a conduta das suas relações, e reconhece os seu interesse comum em manter estes arranjos.

Embora reconhecendo a importância da existência histórica de um "sistema internacional dos Estados" (como os realistas usam frequentemente o termo), a sociedade internacional é o termo abrangente que captura a essência do pensamento da Escola Inglesa. Como resultado, os estudiosos da Escola Inglesa são cépticos em relação à analogia doméstica segundo a qual é assumida que porque o sistema internacional falta um poder comum para manter os cidadãos em reverência, não podemos falar de uma sociedade internacional mas sim somente de um Sistema de Estados.

- Segundo, para a Escola Inglesa o conceito de ordem na sociedade anárquica desempenha um papel teórico importante. A ordem, no entanto, resulta não simplesmente do poder e do equilíbrio de poder, mas também da aceitação de regras e acordos institucionais que

estão na iluminada, auto-interesse pessoal e racional dos Estados e outros atores. Como realistas clássicos, os da Escola Inglesa entendem a importância nos assuntos internacionais tanto poder-componente material e ideias, valores e normas.

A dependência em relação a tradição do Direito Internacional é particularmente evidente. Os institucionalistas realistas, os liberais e os neoliberais muitas vezes usam a “racionalidade” como um pressuposto subjacente ou simplificar de hipóteses que contribui para o desenvolvimento de teorias parcimoniosos." Racionalista "na Escola Inglesa, no entanto, tem um significado diferente, invoca uma tradição associada a Grotius o "pai do Direito Internacional", o racionalismo da Escola Inglesa refere-se às regras, leis e acordos institucionais Estados já estabelecidos para fornecer alguma discordância de grau de ordem a uma sociedade internacional anárquica. Portanto, contrariamente à ênfase realista definindo estrutura em termos de polaridade ou a distribuição de recursos, a estrutura é mais rigorosamente associada a esta regra amplamente concebida e baseada no quadro institucional.

- Terceiro a Escola Inglesa reconhece a importância de Kantianas éticos e morais, mas isso é contrabalançado por uma visão pragmática da sociedade anárquica como aquele em que as considerações de poder e interesse continuam a ser importantes. O conceito de sociedade mundial na Escola de Inglesa é reservada para esta kantiana ou "revolucionário" (alguns diriam utópica) a realização de um cosmopolitismo universal e transformando assim o mundo como nós o conhecemos em uma sociedade baseada em normas com ampla moral aceitação. Este uso na Escola Inglesa da sociedade mundial é decididamente diferente da visão liberal do mundo ou sociedade global. Para os liberais, a sociedade mundial vai além das relações internacionais ou interestaduais para abranger um conjunto complexo de estado, não-estatal, e os actores transnacionais que envolvem uns com os outros globalmente.

Dito de outra forma, o conceito de sociedade internacional reflecte a influência racionalista Grociana tão central para a Escola Inglesa, enquanto a sociedade mundial

está reservada na Escola Inglesa para o uso de "revoluções" influenciado por Kant. Em suma, a Escola de Inglesa tem evitado uma perspectiva paroquial na política mundial. Como observou Martin Wight, todas as três perspectivas realista (sistema internacional), racionalistas (sociedade internacional) e revolucionário (Sociedade Mundial) são importantes para a compreensão da política mundial. As tradições não são como "trilhos de trem correndo para o infinito." Pelo contrário, "elas são correntes, com turbilhões e correntes cruzadas, às vezes entrelaçadas e nunca por muito tempo confinados ao seu próprio leito do rio." A ideia de que sistema internacional, a sociedade internacional e perspectivas da sociedade mundiais podem existir simultaneamente como compreensões da realidade e objecto de análise é fundamental para a Escola de Inglesa.

Aplicabilidade da Escola Inglesa

A Escola inglesa pode ser usada para entender as Relações Internacionais e assuntos do Direito Internacional com grande enfoque para liberdade dos Direitos humanos, protecção do humanitarismo e justiça humana baseada em normas e instituições.

A título de exemplo temos o uso da força de forma desnecessária excessiva e arbitrária, desrespeitando normas e protocolos internacionais sobre o uso da força e armas de fogo e isso resultou em diversas violações dos direitos humanos e em um número elevado de vítimas pela Polícia Militar Brasileira em 2015 no Rio de Janeiro.

Como resposta a esses actos a Amnistia Internacional lançou uma petição internacional endereçada ao Governo do Estado e ao Ministério Público do Rio de Janeiro reivindicando medidas urgentes que fosse garantida a justiça aos casos denunciados e priorizar o controlo sobre a actividade policial na cidade sede das Olimpíadas 2016 com vista a salvaguardar os direitos humanos.

Criticas

Confusão metodológica

A afinidade entre os aspectos do liberalismo, o construtivismo, e da Escola de Inglesa é um reflexo no fato de que a crítica amigável da Escola de Inglesa veio de ambos os liberais e os construtivistas. Martha Finnemore, por exemplo, tem escrito extensamente sobre a intervenção humanitária a partir de uma perspectiva construtivista. Ela argumenta que a melhoria da visibilidade da Escola de Inglesa entre os acadêmicos de Relações Internacionais da América enriqueceria bolsa deste último devido à orientação histórica e normativa da escola de Inglesa. Infelizmente, "falta de clareza sobre ambos os métodos e argumentos teóricos da escola tornou difícil para os estudiosos americanos para incorporá-lo em suas pesquisas. Para muitos estudiosos americanos, simplesmente descobrir o que seus métodos são é um desafio", como "autores Escola Inglesa quase nunca forneceram discussão sistemática sobre as regras de evidência (Viotti e Kauppi 2010: 252).

Conhecimento Histórico

Como se observa, a abordagem histórico - sociológica é uma característica da Escola de Inglesa. A sua é uma coisa a reclamar, como fazem Bull e Watson, que o conhecimento histórico é importante. Mas a questão é por que isso acontece? Será que é porque o presente e o futuro são parte de uma narrativa histórica ou história lentamente desdobramento de tempos passados? É o que nós observamos hoje na sociedade internacional baseada em acontecimentos históricos ao longo dos séculos no tempo? Ou é o conhecimento histórico importante porque o presente e o futuro são semelhantes aos do passado, todos sujeitos a outros tipos similares de forças? Ou é o passado um guia para prever o futuro? Ou uma ferramenta indispensável para especular sobre as opções futuras?(Ibid: 252).

Economia política, meio ambiente e gênero

A economia e o meio ambiente global como parte integrante da sociedade internacional e mundial foi um tema conspicuamente ausente do trabalho precoce de autores da Escola Inglesa. Por um lado, talvez eles estavam mais preocupados com os "alta política" da diplomacia, da segurança colectiva e política de alianças, descontando a importância do político-económico e meio ambiente como Barry Buzan declarou: "os fundadores da Escola Inglesa eram por demais submissos aos princípios universalistas da ordem e da justiça derivados de debates na teoria política e foram muito desinteressados em economia política internacional. Embora os fundadores podem ter dado menos atenção à economia internacional, o meio ambiente e os direitos humanos, as gerações sucessoras na Escola Inglesa estão examinando as possibilidades e limitações de integrar tais preocupações em tríade da Escola Inglesa e sua compreensão da sociedade internacional.

Como Jacqui argumenta, "esta negligência do género revela o conceito de sociedade internacional para ser nem aberto nem suficientemente dinâmico o suficiente para capturar ou explicar as fontes sociais e dimensões do comportamento interestadual e política mundial de forma mais ampla". Para fazer isso requer uma análise séria da questão "onde estão as mulheres na sociedade internacional" (Ibid: 253).

Eclectismo conceitual e filosófico

Como se observa, a imagem Escola Inglesa das relações internacionais tem sido influenciada por obras que vão desde Hobbes e Maquiavel a Grotius e (em menor grau) Kant. Como tal, os estudiosos que operam a partir de perspectivas alternativas de relações internacionais pode encontrar muito com o qual se identificam. Realistas podem aplaudir o reconhecimento da Escola Inglesa sobre anarquia, assim como realistas, bem como os liberais podem chegar a acordo sobre a importância de Grotius para a nossa compreensão das relações internacionais. Construtivistas sociais encontram discussões Escola Inglesa sobre a evolução da sociedade internacional e o desenvolvimento de normas para ser completamente compatível com a sua visão do mundo. A descrição de Alexander Wendt de cultura e de Locke se aproxima da

perspectiva racionalista Grociana na Escola de Inglesa. Por isso, o reconhecimento de diversas tradições de pensamento pode ser atraente como há um pouco de algo em comum para todos.

Mas uma herança intelectual, tais eclética também pode levar a críticas. Este é particularmente o caso para os positivistas que aspiram desenvolver teorias parcimoniosos, com base dedutiva. Se alguém é um estrutural ou neo-realista, por exemplo, então a miscelânea da Escola Inglesa é desagradável. Enquanto eles podem concordar com a crítica de behaviorismo de Hedley Bull questionam até que ponto uma abordagem sociológica verdadeiramente "clássico" e histórica para a compreensão das relações internacionais pode ajudar no desenvolvimento de novas teorias explicativas. Mesmo institucionalistas neoliberais, que contam com o pressuposto de racionalidade na tentativa de explicar as condições em que as instituições podem ajudar a cooperação internacional podem encontrar a Escola Inglesa e seu pressuposto muito diversificado (Ibid).

Conclusão

Após a efectivação do trabalho, concluímos que para a Escola Inglesa, o objecto de estudo das Relações Internacionais deve centrar-se na sociedade internacional, ou seja, mais do que um simples sistema de interacção entre unidades, existe uma sociedade internacional que precisa de ser analisada. Deste modo, sistema significa simplesmente o contacto entre Estados e o impacto de um Estado num outro Estado, enquanto sociedade significa interesses e valores comuns, bem como regras e instituições comuns. Assim, a Escola Inglesa refere-se a uma sociedade de Estados, e não a um sistema internacional. A Escola Inglesa reconhece que mesmo através da história é possível encontrar padrões de comportamento. A Escola Inglesa foi particularmente sensível ao efeito que designou por Wig Interpretation (Butterfield), ou seja, a tendência dos historiadores em interpretar o passado à luz do presente. Ao contrário, a Escola Inglesa defendeu que os historiadores devem demonstrar quão diferente é o passado relativamente ao presente.

A Escola Inglesa criticou o historicismo, e defendeu a existência de diferentes padrões de comportamento dos sistemas internacionais ao longo da história até chegarmos ao sistema de Estados contemporâneo. Assim, o sistema das cidades-Estado na Grécia, ou o sistema de cidades-Estado na Itália, foram diferentes do sistema de Estados europeu moderno. Para a Escola Inglesa, a compreensão dos sistemas internacionais só pode ser eficazmente conseguido através da conjugação do estudo da história e do método comparativo. Foi, todavia, a sua visão teórica que mais a singularizou. A Escola Inglesa pressupõe que para compreender os padrões de comportamento que emergem num sistema, é necessário compreender as ideias culturais que alimentam as acções dos actores que operam no sistema.

Referências

- **Kauppi**, Mark V., e Paul R. **Viotti**, (2010). *International Relations. Realism, Pluralism, Globalism, and Beyond*. Allyn and Bacon: Boston.
- **Nogueira**, João Pontes e Nizar **Messari** (2005) *Teoria das Relações Internacionais. Correntes e debates*. ELSEVIER, 3ª Edição, Editora Campus: Rio de Janeiro.
- **Sousa**, Fernando (2005) *Dicionário de Relações Internacionais*. Edições Afrontamento: Porto.